

TRIBUNA Livre

15
FEVEREIRO
1964

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LAGEO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

A NOVA VILA DE AMARES

Realidade que não pode desconhecer-se

Sob pena de nos negarmos a nós próprios, temos hoje de contar como uma realidade a Vila de Amares.

O alargamento da sua área até à Feira Nova, decretado pelo Governo, há anos, e o desenvolvimento de veras notórias desta parte da Vila, quer comercial, quer industrial, e principalmente urbano e de construções, deram-lhe já importância tal que negá-la é desconhecer uma realidade evidente.

Vai já longe o tempo, embora ainda não sejam passados muitos anos que, um jornalista de renome nacional, ao visitar pela primeira vez a Vila de Amares, lhe podia chamar nas suas crónicas a *Vila Mignone de Amares*.

Ela hoje nem é pequena, nem é despida de atractivos e de valor, porque já se não limita como outrora a um aglomerado de casas em volta duma capela, mas sim uma grande e progressiva Vila,

que dia a dia se engrandece, se alinda e se alarga.

Quer pela sua bela pavimentação, passeios, arborização e saneamento, quer pelo porte dos prédios e estabelecimentos que as emolduram, as suas ruas e largos dão-lhe já o aspecto de cidadezinha que, guardada pela montanha, se debruça languidamente sobre o Cávado, sonhadora.

Confluência de uma vasta rede de estradas ela é como uma estação obrigatória para toda a vida concelhia.

O seu futuro é outra realidade evidente que ninguém pode olvidar e a importância do seu desenvolvimento são cada vez maiores e exigem mais carinho e mais realismo dos que têm na sua mão as rédeas da administração.

Esta nova Vila, pode ser muito rapidamente o nosso orgulho se todos o quisermos com realismo, com objectividade e sem paixões políticas.

A variante das Obras

Públicas, a continuação da Avenida Sá de Miranda, a construção do Hospital, do Palácio de Justiça, da nova Escola Primária e de Lava-

(Continua na 5.ª página)

CAÇA ABUNDÂNCIA DE TORDOS

Talvez devido às chuvas que caíram nos últimos dias, os TORDOS chegaram em abundância; vendo-se bandos que já há anos não há memória.

PORTUGAL E A CHINA

Na mesma terça-feira, dia 4 de Fevereiro, em que o ministro português dos Negócios Estrangeiros, dr. Franco Nogueira, declarava, numa conferência de Imprensa, em Lisboa, que é «a China continental uma realidade poderosa, a qual não poderá de ser, mais tarde ou mais cedo, internacionalmente reconhecida como tal», publicou o «New York Times» uma entrevista concedida por Chu-en-Lai, em Conakry, ao jornalista Edgar Snow e em que o Chefe do Governo de Pequim afirma que o apoio do seu Governo às forças que na África, «incluindo a África portuguesa», lutam contra o chamado colonialismo não obsta a que possam existir relações diplomáticas entre a China e os países ocidentais, «incluindo Portugal».

Foi a primeira vez, cremos, que Chu-en-Lai aludiu ao eventual estabelecimento de relações diplomáticas entre Portugal e a China, países que, para mais, mantêm já entre si, através de Macau, efectivas relações comerciais. É verdade que à nossa lógica de filhos de

A Redacção deste «Semanário» pede a fineza de todos os seus colaboradores que enviem as suas notícias ou artigos até à 4.ª feira. A Redacção agradece:

(Continua na 5.ª página)

Sobre a Revisão do Código Administrativo

IV

Das Juntas de Freguesia

Organismos que superintendem na vida das Freguesias, as Juntas valem por essa função, pela interferência que têm na constituição da Câmara e pelo que podem ajudá-las nas suas realizações.

Tem-se falado muito na necessidade de as aproveitar e prestigiar com a maior amplitude. Na realidade pouco ou nada se tem feito nesse louvável sentido.

No que se refere a receitas as Juntas de Freguesia não as têm próprias, vivendo das parcas esmolas que as Câmaras lhes dão, subordinadas, muitas vezes, mais a

simpatia pessoal das pessoas do que aos interesses gerais dos povos.

São amplos os seus direitos quanto a obras, por lhes ser permitido, na sua área, fazer o que fazem as Câmaras, com as mesmas regalias quanto a participações. Mas que podem fazer sem dinheiro?

O próprio imposto do trabalho, que ao criar-se deu a sensação de vir a ser para as Juntas, foi-o, na totalidade, para as Câmaras. Estas e outras tributações se fossem para as Juntas seriam pagas com melhor espírito de compreensão e tolerância. Criando receitas próprias as Juntas poderiam tornar-se com organismo centralizador da vida da freguesia. Assim não acontece e as suas funções, restritas e burocráticas, ficam-se na apagada situação que todos conhecemos.

Devendo ter situação de privilégio na constituição da Câmara, tal não acontece e a sua influência é diminuta. Primeiro porque os vogais que elegem para o Conselho Municipal não representam força capaz, especialmente nas Câmaras dos concelhos

(Continua na 5.ª página)

(Continua na 5.ª página)

Moçambique

Terra Irmã

Ainda as estrelas projectavam a sua luz sobre esta África imensa, ainda os raios do astro-rei não desfaziam as trevas já eu seguia viagem, rumo ao interior. Uma aragem fresca, o ar puro do mato, o aroma das flores campestres suavizavam o esforço dispendido, tornavam agradável esta digressão pelas terras tropicais.

Depois de ter atravessado extensas matas semi-virgens, contemplando o espectáculo desolador que nos oferece imensos terrenos incultos, atingi a meta em vista. O capim, os arbustos, o despovoamento terminam e eis que deparo com outro cenário — o vale do Limpopo.

Ainda há uma dezena de

anos que este ubérrimo vale permanecia inculto. Hoje são milhares de quilómetros quadrados agricultados onde centenas de famílias arrancam da terra o pão de cada dia. Distribuído por quase duas dezenas de aldeias, cujas moradias foram construídas recentemente, este bom povo oriundo do Minho, Trás-os-Montes, Alentejo, Açores, Madeira, etc., transforma esta terra em potencial de riqueza que já se faz sentir na economia da Nação. Grandes canais conduzem abundantes caudais de água a dezenas de quilómetros de distância. Os campos estão verdejantes: é um segundo vale do Nilo.

(Continua na 5.ª página)

Cintilações de Verdade

PAIS, OS VOSSOS FILHOS?

A dobadoira da história envolve-nos em diversas épocas que, vistas por um prisma bem pensado, nos fazem atear chamas, uma vez quase extintas. Colocado este prisma na face da educação, muito teremos a notar.

Qual a educação dada pelos pais aos filhos em tempos pretéritos e qual a educação hoje ministrada a estes? Haverá grande diferença?

Com certeza que sim, dirão uns; com certeza que não, dirão outros. Quanto a mim, referindo-me ao campo moral, em certos meios julgo haver bastantes. Parece-me que hoje, mais que nunca, se vêem por esses caminhos crianças errantes e ociosas que poderiam ir adquirindo já bem o hábito de trabalhar. É claro que reunidas e sem formação, tratam imediatamente de com-

binar os seus «feitos de canalha», que quase sempre deixam a desejar. Podemos dizer com todo o rigor que é assim que surgem logo na tenra idade as faltas de respeito pelo bem alheio, a ausência de educação para com os superiores, as conversas maliciosas — infelizmente tão ocorrentes onde há agrupamentos — o vício desenfreado do jogo, etc. Ora, se cada pai tratasse de saber do paradeiro de seus filhos e inquirisse mais a sério da sua educação com a sociedade, não haveria muitas desavenças entre crianças, e mais delas se afastaria este espírito de aventura para o mal, que bastante se está a sentir. Os pais devem dar aos filhos uma liberdade vigiada e não devem comportar-se como

TRIBUNA FEMININA

MISCELÂNEA

Curiosidades

Ofir é muitas vezes citado nas Escrituras como um país abundante em ouro, prata, marfim, pedras preciosas e lenhos aromáticos. Foi daí que Salomão tirou os materiais necessários para a construção do templo; segundo a opinião mais verosímil Ofir estava situado na extremidade de Janquebar, na costa oriental da Africa.

—x—

O eterno femipino:

Como é a mulher ideal?

A mulher ideal é:

—A que faz chegar o ordenado de mês a mês.

(Um funcionário)

—A que não sofre de enfermidades imaginárias (um médico)

—A que nos lembra tudo que nos esquece.

(um distraído)

—A que tenha cabelo comprido e que use ganchos, para termos sempre à mão com que limpar o cachimbo.

(um fumador)

—x—

As opiniões são como as gravatas, não se devem trazer à rua as que dão muito nas vistas.

—x—

Quadra

Meu coração não lhe digas Que ainda lhe quero bem.. Almas de reis são mendigas quando morrem por alguém

—x—

Ouvir, ver e calar, são três viver em paz.

Pensamento

Se um cão, após lhe ter fitado os olhos, não vem para si, faça o seu exame de consciência; mas se uma criança foge de si, o seu exame de consciência deve ser muito mais profundo.

Wilson

Escute... minha amiga,

A profissão da dona de casa.

Não julgue que ser dona de casa é uma profissão sem importância. Quem exercer esse mister tem sobre si grandes responsabilidades das quais depende, muitas vezes, o bem-estar da família.

A dona de casa precisa ter espírito de economia, para não gastar mais do que o que pode; de improvisação, para que a sua mesa, o seu lar, seja sempre um conjunto de atractivos; de calma, ao solucionar os muitos problemas caseiros que podem ocasionar grandes arrelias; de amor, para que todos vejam nela o anjo do lar; de coragem, para guardar consigo as arrelias inevitáveis que possam surgir; de abnegação, para perdoar sempre e nunca ofender; de reconciliação, para na sua casa todos se sentirem bem; de actividade, sempre pronta a trabalhar, com ânsia de auxiliar o marido e de educar os filhos no cumprimento do dever na luta pela vida.

Ela deve ser, com o seu amor, abnegação e carinho o factor mais poderoso para a felicidade do lar.

Benita

—x—

Os doces de cozinha são necessários às crianças, às pessoas idosas e aos fracos. O açúcar e o leite que contêm são dois fortificantes. Convém, então, preparar, frequentemente arroz de leite, sémola ou flocos de aveia, que podem ser perfumados, e que os torna ainda mais apetitosos.

DOCES PARA SI...

CREME DE CASTANHAS

Polme de castanhas cozidas, 500 gramas; Leite 2 decilitros; Açúcar refinado e peneirado, 150 grs.; Manteiga fresca, 100 grs.; «Chantilly», três decilitros; Baunilha em pó, uma pitada. Cozem-se as castanhas, passam-se duas vezes por uma peneira fina, e, em seguida, mistura-se-lhes o açúcar, a baunilha em pó e o leite, amassando tudo, muito bem, com a mão, para obter um polme fino, que se põe a arrefecer. À parte, bate-se a manteiga até ficar um creme, junta-se ao polme de castanha e bate-se então com uma colher de pau para ligar bem. (Não se deve bater com a mão porque o calor faz derreter a manteiga). Entretanto, faz-se o «Crema Chantilly», enquanto a castanha arrefece. Depois de completamente fria, junta-se com «Chantilly», e mexe-se então muito levemente, só para ligar.

DA MULHER para A MULHER

Leia nos últimos números :

Vida e Morte de Kenedy — o Brasil na actualidade — Edith Piaf, a miraculada — Gina Lollobrigida vai divorciar-se? Riky (novela ilustrada) — O Porto está de parabéns — Claude Françoise novo ídolo francês — Simone e Yves um casal modelo.

E ainda as secções habituais :

Horóscopo — Moda — Beleza — Contos — Quinzena — Culinária — Notícias d'Angola e Moçambique — Bordados e Crochet — Concursos — Entrevista — Cinema — Acontecimentos Sociais.

etc. etc. etc.

JORNAL FEMININO

Redacção, Administração e Publicidade

Rua D. João IV, 904 — PORTO — telef. 30 79

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

**DIRIJA-SE À
A MODELAR**

Telefone 6 21 13

Amares

A fim de evitar que as vitaminas sejam destruídas, ao serem cozidos os alimentos, evite mexê-los com um garfo ou uma colher e deixe a vasilha bem tapada, com pouca água.

Se quiser tirar das mãos o cheiro do peixe, use mostarda em pó. Esfregue bem as mãos, sem as molhar.

O calçado perfeito deve ter a largura suficiente para

que se ajuste ao pé, permitindo simultaneamente, que os dedos se encontrem vontade.

Ao preparar o café, não deve deixar-se ferver e quando se torna a aquecer (que não é aconselhável) menos que seja em banho-maria.

Para eliminar o cheiro alho na boca, mastigar um grão de café, ou salsa crua



(LINGERIE)

Em perlon e renda de Calais; um elegante modelo de lingerie

TRIBUNA do CONCELHO

Clermont-Ferraud-FRANÇA

Portugueses Vítimas de um Incêndio

Numa modesta e improvisada casa de habitação, nos subúrbios de Clermont-F., foram vítimas de um pavoroso incêndio.

Foram chamados os bombeiros, mas quando chegaram estava tudo reduzido a cinzas.

Os nossos compatriotas, assim como os espanhóis apenas ficaram com as roupas que tinham vestidas. Contudo parece que poucos dias antes tinham mandado o dinheiro disponível que possuíam para as suas famílias apenas um espanhol foi infeliz, porque todas as suas economias monetárias ficaram reduzidas em cinzas.

Porém, é de justiça salientar a notícia triste a todos os portugueses residentes na Metrópole.

Ao ter conhecimento deste triste acontecimento o pároco português em Clermont-F., Rev.º Alexandre Cardoso, imediatamente para o local se dirigiu, acompanhado por um nosso compatriota que ocupa sem quaisquer remunerações um lugar directivo na Assistência Social Portuguesa, Sr. Joaquim Data Fernandes. Vendo com seus próprios olhos a triste e desesperada situação dos nossos compatriotas, puseram em campo

seus vastos conhecimentos, de auxílio, da Assistência Portuguesa em colaboração com o socorro católico. Os portugueses foram auxiliados com diversos donativos assim como roupas, géneros alimentícios incluindo conservas, ficando melhor do que anteriormente estava sua triste situação.

Julgo que este triste episódio é digno de levar ao conhecimento de todos os Amarenses, pois alguns dos sinistrados são das proximidades de Braga, e sendo ainda o maior número de Guimarães.

É digno também referir que algumas instituições religiosas, tiveram conhecimento pelos jornais do sucedido, e logo mandaram seus possíveis auxílios e conforto moral, por intermédio das generosas irmãs de caridade.

Conforme estão lendo, nesta terra também há união pelos PORTUGUESES e mais poderia haver, se os nossos compatriotas se aproximassem um pouco mais dos seus deveres religiosos, pois como acabo de referir ainda através da Igreja e dos católicos que se vê a Verdadeira Caridade, e por vezes reconhecida com ingratidão.

A. Ferreira

Notariado Português

JAIME DE ABREU DIAS, Ajudante do Cartório Notarial de Amares:

CERTIFICO, narrativamente, e em cumprimento do determinado no Art.º 96.º, do Código do Notariado, que em sete do corrente mês, foi lavrada desde folhas quarenta e quatro verso e quarenta e cinco verso do livro de «Escrituras Diversas», número B- quatrocentos e treze, deste Cartório a escritura de habilitação de herdeiros por óbito de FRANCISCO MANUEL DE SOUSA ALVES BRAZÃO, solteiro, maior, proprietário, natural da freguesia de Bouro (Santa Marta), deste concelho, filho de Custódio José de Sousa Alves Brazão e de Maria Rosa da Silva, morador que foi no lugar da Martinga, da dita freguesia de Bouro (Santa Marta), e ali falecido no dia dezoito de Janeiro do corrente ano no estado de solteiro, com testamento público de vinte e dois de Fevereiro de mil novecentos e sessenta e um, lavrado neste Cartório, de folhas sete a oito, do respectivo livro número quarenta e um, no qual instituiu único e universal herdeiro de todos os seus bens, o seu bisneto e afilhado FRANCISCO MANUEL DE SOUSA ANTUNES, solteiro, maior, natural da freguesia de Friande, do concelho da Póvoa de Lanhoso, onde reside no lugar de Travassinhos, filho de Abílio de Jesus Antunes e de Etelvina de Sousa. Ficou declarado na mesma escritura que não há outras pessoas que, segundo a Lei e o testamento, prefiram ao indicado herdeiro ou com ele possam concorrer à sucessão.

ESTÁ CONFORME E CONFERE COM O ORIGINAL, O QUE CERTIFICO.

Amares e Cartório Notarial, doze de Fevereiro de mil novecentos e sessenta e quatro.

O Ajudante do Cartório Notarial,
Jaime de Abreu Dias

DE REGRESSO

Para tratar de assuntos de seu interesse deslocou-se de Lisboa para Goães, o Sr. José Gonçalves, competente Alfaiate na Amadora.

Qualquer pessoa que queira utilizar os seus serviços deve dirigir-se à sua residência.

Falecimentos

Barreiros

Após longo sofrimento faleceu no dia 5 do corrente a sra. Conceição de Oliveira, mãe do sr. António de Sousa e Rosa Oliveira de Sousa.

O seu funeral realizou-se no dia 7 pelas 9 horas.

Estiveram presentes as irmãs das Almas. Senhor dos Passos, Associados do SS. Coração de Jesus e um piquete dos B. V. do Amares.

A extinta, que contava 85 anos de idade, deixou vários netos, alguns com grandes perspectivas no futuro.

A sua morte foi muito sentida.

Paz à sua alma

DORNELAS

Depois de grande sofrimento, faleceu, na sua casa, em Dornelas, a sra. D. Alzira Lixa, de 58 anos de idade.

Era casada com o sr. Fernando José da Costa e mãe das senhoras Aurea e Fernanda da Costa.

Senhora de bom coração e muito estimada não só em Dornelas, como nas freguesias limítrofes.

A família, apresentamos sentidas condolências.

Pequenos Incêndios

Com a acção rápida dos B. V. de Amares, sob a direcção do comandante sr. José C. Macedo, foram dominados dois pequenos incêndios, que podiam ter grandes proporções, nas freguesias de Caires e Proselo (Ancede).

Estes focos foram causados com o fogo carnavalesco.

SALVÉ 19-2-64

Passa mais um aniversário na próxima quarta-feira dia 19, o nosso particular amigo e assinante deste Jornal, Sr. Cândido de Andrade, ilustre chefe de mesa do Grande Hotel de Caldelas.

Por tão faustosa data, sua esposa e filhos desejam-lhe muitas felicidades e fazem votos que esta se prolongue por muitos e felizes anos.

Tribuna Livre, cumprimenta o ilustre aniversariante e igualmente faz votos por um feliz aniversário.

CARTA DE LAGO

***** Aos amigos de perto e de longe *****

Falecimento

Faleceu, pelas 7 horas, no dia 6 do corrente, no lugar do Telhado, onde residia, o Palmeira e residente em Lago, há muitos anos.

Baptizado

Baptizou-se em 11 do corrente Abílio Teixeira de Macedo, nascido no mesmo dia, filho legítimo dos senhores Manuel José Macedo e Conceição Antunes Teixeira. Foram padrinhos Abílio da Cunha Peixoto e Arminda Caldas da Silva.

Festas Carnavalescas

Terminaram já de noite as festas carnavalescas em Lago e em Barreiros, se dermos crédito às instalações sonoras. Desconheço o que se passou em Barreiros e de Lago pouco sei porque não fui ver. Contudo, pelo que

ouvi a quem por lá andou não houve nada com interesse especial. Ao cair da tarde foram atropeladas por um carro, sem gravidade, duas

CINZAS

Hoje, quarta-feira, aqui e em todas as igrejas paroquiais, celebrou-se a cerimónia das Cinzas. Assistiu bastante gente. Aqui também ocorria hoje a missa do 7.º dia de Manuel de Oliveira. Depois de terminada a benção da Cinza começou a imposição da mesma a todos os presentes, seguida do primeiro clamor desta Quaresma que hoje principia.

Depois de um carnaval ruído vem a Cinza recordar-nos o que valem as vaidades deste mundo hipócrita e enlouquecido. Muito aproveitariam os homens se meditassem frequentemente no significado deste dia.

Lago, 12 2-64 — J. Moreira

SOBRE A REVISÃO

DO CÓDIGO ADMINISTRATIVO

—» (Continuado da 1.ª Página)

grandes em que a sua representação se apaga totalmente frente ao número de representantes de outros organismos.

Depois porque o facto de não intervirem directamente na eleição da vereação, mas o fazerem indirectamente por intermédio do Conselho Municipal, ainda agrava a sua influência na escolha.

As Juntas de Freguesia deveriam ser escolhidas com escrupulo e isenção, arredadas dos interesses dos caciques e dos profissionais da política, sempre prontos a torcer as coisas. Para tanto deveriam ser eleitos por um colégio eleitoral e não pelo sufrágio universal, cujos resultados começam a ser viciados na constituição dos cadernos e acabam na balbúrdia do pedido e do aliciamento.

Esse colégio seria tanto quanto possível lato, abrangendo todos aqueles que pelas suas funções, habilitações, atribuições e rendimentos, deveriam ser chamados a ele, mas dele haveria a preocupação de retirar os que pela sua subserviência aparecem sempre a engrossar as fileiras dos mais ousados, atre-

vidos, ou que perfilham interesses particulares em oposição com o interesse geral.

Num tal colégio de pessoas capazes seria possível acabar com as maquinações e advogar com proveito a escolha dos melhores, daqueles que mais garantias oferecessem de trabalhar pelo interesse da Grei.

E desde que às Juntas de Freguesia sejam o que devem ser, independentes e capazes, com os poderes e atribuições que merecem, a vida administrativa não poderá processar-se fora dos limites do interesse geral, porque as Juntas disso serão a garantia.

Até lá tudo é política.

J. M.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO

Passa amanhã, dia 16 o seu aniversário natalício a menina Maria Carolina, actualmente a viver em França.

Por tão faustosa data sua família e pessoas amigas desejam-lhe muitas felicidades e fazem votos que esta data se repita por longos anos.

Visado pela Censura

Tribuna de TERRAS DE BOURO

A Crise da Lavoura!...

Por
Manuel A. B. Marques

EU sofro horrivelmente!... e ninguém procura desagravar os meus...

— O presente e futuro da nossa LAVOURA!...
E a verdade é que, se prestarmos a devida atenção aos inúmeros artigos e publicações que as revistas e os jornais costumam fazer periodicamente sem cessar, referentes á LAVOURA, verificamos que a ruína Agrária é excessivamente conhecida e sabida por toda a gente e em toda a parte.

Por essa razão, e, atendendo a que a LAVOURA é e será sempre uma das principais riquezas de que se compõe o nosso Património Nacional, nunca será descabido exigir-se que no meio dos Povos Agrícolas apareça algum (pelo menos em todos os Concelhos Rurais) que tome a sério, decididamente, com expressivo zelo e ativa coragem a sua defesa, não só com palavras, mas principalmente e sobre tudo, com obras e acções frutificantes e estimulantes.

A desgraça Agrária é mais pungente e grave do que muitas pessoas julgam; porque, certamente, essas pessoas que pouco ou nada ligam ao Actual e Miserável Clamor Agrário, demonstram que nunca viveram, exclusivamente, do penoso trabalho Agrícola e dos rendimentos dos seus depauperados produtos.

Ou então... «nunca peças a quem pedi!... nem sirvas a quem serviu!...».

O nosso Lavrador tem sido sempre, no infundo dos séculos, a activa classe nacional que melhor tem sabido compreender e corresponder ao chamamento e ao cumprimento dos seus deveres e obrigações, com prontidão e galhardia, não só com o corpo como também com os seus parcos valores monetários, naqueles momentos mais difíceis e mais críticos da vida e da Economia Nacional.

O Lavrador, regra geral, nunca se esquivava a trabalhos ou sacrifícios, que a Pátria lhe peça, e aguenta-se, alegremente, até aos últimos alentos da sua vida, na defesa e engrandecimento do seu Torrão Natal.

Assim tem sido sempre, o Nosso Lavrador:

Humilde, laborioso, pres-tável e... sumamente grato!... Mas... meus caros amigos... quando o peso da carga ultrapassa os limites da natu-

reza, com todos os seus sacrifícios, com todos os seus esforços, com todas as suas energias e coragem... aí da pobre humanidade!... porque então, a queda, o desastre, a ruína, o fim é inevitável... e será estrondosa!

— A nossa LAVOURA, actualmente, é um verdadeiro, pungente e horroroso vulcão em actividades constantes, dia e noite, cujas lavas se tornaram extensivas a todas as Regiões Agrícolas, mas principalmente ao Minho, e, muito especialmente á nossa Região de Terras do Bouro, onde o LAVRADOR vive, única e exclusivamente, dos miseráveis produtos que muito a custo, (e só Deus sabe com que sacrifícios) vai extraindo daqueles torrões que ele adora, porque são as Sagradas Relíquias que os seus progenitores lhes legaram á força de inúmeros suor e sacrifícios!... E a defesa do nosso LAVRADOR reside na venda da pipa de vinho (e para a vender, o Lavrador passa todo o ano a água-pé) e de alguns animais que vai criando (só Deus compreende com que sacrifício, chegando a faltar com o pão aos filhos, para dar a farinha ao animalzinho, donde espera adquirir o dinheiro para pagar os seus impostos!... e tantos!... e tantos!... eles são!... Ora, se atendermos ao preço em que o vinho se tem mantido, e á notória falta de procura... não haja ilusão!... a LAVOURA parece ter chegado ao auge do seu desespero e da sua desgraça, porque foi deixada, totalmente, ao abandono — por tudo e por todos: Pelos seus Proprietários, Casseiros e Jornaleiros; e porque na sua estrepitante miséria, ninguém, por mais esforços que empregue, por maior força de vontade que sinta, não pode aguentar, separadamente, sem outros rendimentos, o peso das tremendas responsabilidades que hoje exige a administração e o granjeio duma LAVOURA!... E os p. f. anos que se aproximam... dirão o resto!...

A cópia fiel do doloroso quadro que a nossa LAVOURA está a reproduzir, dia a dia, encontra-se, nitidamente, no Alto do Calvário, quando Jesus pôs termo á Divina Comédia:

«Consummatum est!...»

Porém, como a desesperança é a mais perigosa arma que pode vencer os pusilânimes, nada de desanimos... porque os vencedores foram sempre os que lutaram até ao fim!... dos fracacos não reza a História!...

Acalentado por estes princípios é que eu tenho procurado, em todos os meus modestos artigos, analisar e defender aguerridamente os interesses do meu CONCELHO; e é sempre a bem dele, e referindo-me á sua... e hei-de vencer!... leve os anos que levar!...

Nasci, criei-me e vivi em Terras de Bouro até aos meus trinta e cinco anos, e conheço perfeitamente aquela Terra (com todos os seus hábitos, usos e costumes, grandezas e necessidades), palmo a palmo, e a ela trago sempre preso todo o meu espírito.

A sua Gente é das mais devotas e genuínas em crenças religiosas e nacionalistas de toda a Nação Portuguesa.

E, se alguém tentar opôr-se ou duvidar desta minha franca afirmação, aconselho-o a que vá consultar antiquíssimos documentos existentes nos Arquivos da nossa Biblioteca Bracarense, porque nestes encontrará o testemunho da minha referência.

Durante esses trinta e cinco anos de permanência em Terras de Bouro, eu procurei sempre viver e compreender perfeitamente a vida daquela Humilde, Laboriosa e Fervorosa Gente — Gente hospitaleira, que sabe receber o visitante sempre com o sorriso nos lábios e afabilidade no porte, embora muitas vezes com o coração dilacerado por agudos espinhos, resultantes das dificuldades em que vive!...

E ainda hoje a minha apreciação tem o seu cunho de primacial valor e dedicação em tudo o que seja de Terras de Bouro.

E sinto como meu o sofrimento atroz em que encontro todos aqueles meus conterrâneos e, por essa razão, não posso, não devo, não quero deixar de lutar bradando por socorro para eles, já que ninguém mais por eles se interessa ou procura interessar-se. E por isso... aqui estou... e, se alguém achar demasiadamente longos estes meus sinceros desabaços... deixem-me, por favor... que eu sozinho, continuarei na luta... até vencer!...

Apenas exijo que ninguém duvide da pureza do meu ideal, e da vernaculidade dos meus pensamentos e desejos.

E, porque aqui estou, eu quero realçar todo meu principal objectivo deste artigo nos impostos.

Os impostos, actualmente, são demasiados e exagerados para as posses daquela oprimida Gente (refiro-me sem-

pre aos meus conterrâneos!)

O Povo geme... queixa-se... desespera-se... e, porque se trata de gente sinceramente patriótica, se chega a queixar-se é porque de facto as forças se extinguíram completamente e o de-... as esperanças!...

«Consummatum est!!!...»

Aqui fica, embora com linhas muito superficiais, traçado o pungente quadro da depauperada situação em que se encontram os oprimidos Povos de Terras de Bouro.

Socorro!... Socorro!...

Porque é necessário, porque é urgentíssimo, e porque é um dever nacional, que alguém, principalmente de entre aquelas altas individualidades dentro do Comando Nacional (Ex.^{mas} Srs. Presidente da Câmara Municipal, Deputados da Nação pelo nosso Ciclo, etc., etc.), que oiçam, com caridade, com nacionalismo e com interesse — porque Terras do Bouro também é PORTUGAL!... — o brado de socorro, que ecoa em todo o Concelho, porque a desgraça é geral. E, finalmente, quem é que aparece a prestar á AGRICULTURA naufragada, o socorro pedido?!... nesta hora de tremenda crise AGRÍCOLA, dentro do nosso Conselho?!...

...o Grémio da Lavoura e as Casas do Povo!... com um aumento de 35% nas cotas a pagar cada associado!!!...

Um aumento de 35%!!!... Quando tudo e todos estão na miséria!!!... Pergunta-se: — com autorização de quem?... como?... porquê?... para quê?!...

Mas esses senhores que se acham com responsabilidades administrativas, dentro desses Organismos, são lavradores proprietários ou são bonecos comediantes?!... Esforçam-se por salvaguardar a LAVOURA com todos os seus interesses e necessidades ou pretendem ser os seus COVEIROS?!...

Pois se todos os proprietários, grandes e pequenos, para poderem pagar aquelas cotas, ao Grémio da Lavoura e á Casa do Povo, conforme estavam lançadas anteriormente, quantas vezes já foram obrigados a faltar com o sustento necessário á sua FAMÍLIA, comendo, quase diariamente, a simples TIGELA DE CAURDO sem adubo!... para agora, nesta crise devoradora, se poderem aguentar com mais um aumento de 5%!...

Isto até parece uma Anedota Incrível!...

Mas é uma AUTENTICA VERDADE!... E pergunta-

-se: — poderá ser admissível?!...

Pois meus caros senhores: se as coisas dentro do Sector Agrícola não tomarem outro incremento!... e se não pensamos todos a sério em salvar a LAVOURA!... (a começar por Terras do Bouro, onde as pessoas, que porventura se conservaram presas á Terra... porque ainda não puderam fugir, enquanto lhes resta algumas gotas de sangue), dentro em perecerá de miséria e de fome!...

Consummatum est!...

Porquê?!... — porque a desgraça social é geral e completa!...

porque a caridade filantrópica (sim, pelo menos para nós que temos a honra de nos confessarmos cristãos) é uma das virtudes que poucos indícios de realidade passou no meio da Sociedade de nossos dias!... porque os Homens, com as suas doutrinas, actos e factos... têm falhado!... porque o Humanismo parece ceder lugar ao ódio, á perseguição, ao desprezo!... e o Homem moderno parece só pensar em explorar o seu Semelhante!...

Por este caminho, tenhamos a certeza de que, se os Homens só tomam na deserdada consideração os seus interesses particulares e impõem o seu egoísmo exagerado, desprezando os interesses comuns dos sofrimentos dos seus semelhantes... o Mundo nunca mais retomará a firme e perfeita direcção perdida, e então tudo nele caminhará, vertiginosamente, de mal a pior!...

1.ª publicação



Tribunal da Comarca

DE

AMARES
ANÚNCIO

Pela Secção de Processos da Secretaria Judicial desta comarca, correm éditos de VINTF dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados AMÂNDIO JOSÉ DA SILVA e mulher MARIA ARMINDA FERREIRA VILELA, proprietários da freguesia de Bouro, Santa Maria, desta comarca, para no prazo de DEZ dias, posterior áquela dos éditos, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução movida por Padre José de Miranda, de Creixomil — Barcelos.

Amares, 21 de Dezembro de 1964

O Escrivão,

Vitor Manuel Lopes Afonso

VERIFIQUEI

O Juiz da Direito,

Fernando Adelino Fabião

Moçambique Terra Irmã

—> (Continuado da 1.ª página)

A vida campesina é igual a qualquer aldeia metropolitana, apenas com uma diferença: aqui está mais mecanizada. Tendo nascido e vivido no campo dezenas de anos, senti saudades da profissão de agricultor, dos seus problemas, das suas preocupações, das suas incertezas, das suas aspirações.

Contemplando este quadro principal — Vila Alferes Chamusca — ontem aldeia do Guijá. Encontram-se aqui as sedes dos Serviços Administrativos da Brigada Técnica do Limpopo, Armazéns, Cooperativas, Hospital, Estação do Caminho de Ferro, etc.. As suas ruas geometricamente traçadas, não à semelhança dos caminhos tortuosos das nossas aldeias, as aprazíveis casas pintadas de branco e azul, rodeadas de um jardim encantador, o seu progresso que se acentua cada vez mais, o aumento de população transformarão esta terra dentro em breve em mais uma linda cidade de Moçambique.

Absorto por estas realizações — resposta categórica aos nossos inimigos que transcendem os mais eloquentes discursos — foi-me dado observar um facto que jamais esquecerei.

O sol adusto desse dia de verão tinha diminuído o calor dos seus raios escaldantes: a tarde começava a declinar. Os sinos da igreja tocam a finados: um colono tinha deixado esta terra de exílio. Por entre as encruzilhadas das ruas diviso o acompanhamento fúnebre. Tomo parte nele. O cortejo chega à igreja e depois das cerimónias rituais segue para o cemitério onde ainda existem poucas campas e quase todas em desalinho. O corpo desce à terra quente. Reunido com aquelas dezenas de homens de mãos calosas — o povo — vestidos com os seus fa-

tos pretos, lá do dia do casamento, já desbotados, puidos, calçados com sapatos grosseiros, pensei na sorte que esperava a cada um de nós que, um dia, envolto em saudades, depois de termos vivido habituados a ouvir os sinos da nossa igreja ou o mavioso conto do rouxinol deixámos a nossa aldeia rumo a esta terra. Os sinos exprimiram pela última vez os seus sons dolentes.

Africa tal o ambiente que se respirava. Aonde um homem vem acabar... pensei.

Sendo isto natural, não existe verdadeira razão para pensar assim. Estes pensamentos devem tê-los os nossos irmãos portugueses no estrangeiro. Esta terra é portuguesa. Aqui é Portugal como qualquer pedaço de terra minhota ou algarvia.

Os maiores homens do Ultramar não são aqueles que vieram para cá, exercendo até cargos directivos, e, durante todo o tempo que aqui estiveram não pregaram um prego, não escavaram um palmo de terra; todos os ordenados que recebiam enviavam-nos para a Metrópole, sugando economicamente a Província. E ao terminar o tempo das suas comissões de serviço partem orgulhosos dos louvores que receberam e continuarão a receber.

Os maiores pioneiros do Ultramar são aqueles que vieram, que se fixaram à terra, que produziram, que aqui gastam todas as suas economias, que criam e educam os seus filhos — futuro da nossa Pátria Imortal — e por fim morrem e cá ficam atestando eternamente o seu acendrado amor à terra que os nossos maiores nos legaram.

Estes, os grandes ignorados, mas os grandes patriotas, os grandes construtores de melhores dias, os grandes heróis ultramarinos.

Manuel de Oliveira Veloso

A Nova Vila de Amares

—> (Continuado da 1.ª página)

douros Públicos, já aprovados pelas autoridades, e ainda o Cinema, o Parque dos Bombeiros, a sede nova da Casa do Povo, a Estação de Serviços e café-Restaurante já projectado por particulares, são uma parte das exigências desse desenvolvimento, e demonstração mais que evidente duma vitalidade e progresso pouco vulgares.

Esquecer isto a quem tem a responsabilidade é o mesmo que negar-se.

Contrariar este surto progressivo é um crime, assim como o é, trabalhar em sentido desagradador.

Isto é, fazer por exemplo um mercado em Prozelo, quando o centro onde era

necessário e incrementaria o progresso seria na parte nova da Vila; era fazer o Palácio da Justiça em Caires quando ele proporcionaria enorme progresso e comodidade dos povos no centro mais importante; seria abrir uma Avenida em direcção a Carrizado, quando a mesma se impunha na ligação central da Vila, etc., etc.

O progresso da Vila pode, pois, ser lento apesar do incremento verificado, se esta dispersão anacrónica continuar, para servir os políticos, mas pode ser acelerado 50 anos se tudo convergir para o local ideal ao progresso, e à comodidade dos povos, sem paixões e sem anacronismos.

Vimos citar e lembrar es-

ta realidade, porque se verifica como que um medo de a enfrentar, de lhe dar o caminho natural, de a proteger. Gostariamos que as autoridades a viessem ver in loco, acarinhassem as suas obras, as sentissem e dessem seguimento e ajuda às suas iniciativas privadas.

São também exigências do seu desenvolvimento, o planeamento de novas ruas, e a necessidade de novos terrenos para construção.

Fez-se em poucos anos muito neste género, por amor, por bairrismo e com sacrifício, quer com a colaboração das autoridades, quer com a de particulares, que se conseguiu vendessem terrenos para ruas e construções, assim como se acatou com afinco tanto a homogeneidade das construções e seu alinhamento como as dimensões das artérias, e sua orientação com vista ao seu futuro progressivo.

São ainda exigências do seu desenvolvimento a limpeza e asseio destas lindas artérias, jardins e monumentos a sua iluminação e seu saneamento.

É pena e de certo modo confrangedor verificar-se que as principais artérias não têm luz, que nas novas ruas se acumula grande quantidade de lixo, que os jardins estão no maior desprezo, e os esgotos de saneamento e das águas pluviais que tantas dezenas de contos custaram, correm o risco de se inutilizarem, como aconteceu já com os do Largo da Igreja, e da parte nascente da Largo Dr. Oliveira Salazar, e que o lixo da feira não tem quem o levante assim como o peixe podre do mercado ali fica infectando o ar que respiramos.

Tem de haver um encarregado destes serviços o que instantemente pedimos às autoridades, para seu prestígio e para prestígio desta terra que nos viu nascer.

Paulo Macedo

Cintilações de Verdade

—> (Continuado da 1.ª página)

simples «galinhas chocadeiras», dizia alguém e com razão.

Se passarmos para o campo religioso, quanto mais não haverá a deplorar... Educarão cristãmente seus filhos todos os pais? Saberão eles que têm de dar disso sérias contas a Deus?

Desculpai-me, ó pais, mas como se compreende que os vossos filhos, que se dizem filhos de cristãos, cheguem tantas vezes ao uso da razão sem saber falar com o seu Criador? Perdoai-me mais... sabereis vós ensiná-los? Cautela! Tremenda responsabilidade!... Pois se não sabeis, fazei com que Vossos Filhos vão adquirir esses conhecimentos, e depois, junto deles, envergonhai-vos, porque sois indignos de ter um filho que vos chame pelo nome de pai. Dirás talvez que não tens gosto pela oração. Pois bem; assim como só sabemos o que é o mal depois de o provarmos, assim também só saberemos o que é a oração se orarmos. Experimenta e verás como é bom rezar e como é tão simples o nosso encontro com Deus pela experiência. Lembra-te, e podes estar certo, que o mundo aprecia o barulho, porque nunca experimentou o silêncio. Mais; qual o exemplo que dais aos Vossos Filhos? Quantas vezes vos verão eles a beber nas águas estagnadas dos pântanos, quando bem perto de vós passam as águas cristalinas da luz!... Com que razão exigireis de Vossos Filhos uma boa conduta de vida moral, se andais pelos caminhos tortuosos do mal? Lembra-te de que para a educação religiosa da criança vale muito o ambiente religioso da família e de que a criança é um espelho do seu meio e tem uma ca-

pacidade de receptibilidade admirável. Pensai mais a sério na educação de Vossos Filhos se quereis honrar-vos do matrimónio cristão que outrora contraístes e terdes a satisfação dum dever cumprido. Lembrai-vos que Vossos Filhos de hoje serão a sociedade de amanhã; que precisamos duma sociedade boa e que a Igreja e a Pátria espera muito da juventude.

Já pensaste alguma vez, caro leitor, no futuro de teus filhos?

Olha para o vasto campo da Igreja e tem pena dos poucos operários que n'Ela trabalham. «A messe é grande mas os operários são poucos»; Não desejarias tu, caro amigo, de quando repouares no túmulo frio e esquecido, ter as mãos benditas dum filho teu sacerdote a oferecer a Deus oblações por ti?

Estou mesmo a ver esboçar-se no teu rosto um sorriso de esperança e o desejo duma realidade. Esta cumprir-se-á se souberes ser pai; e sei que tu sabes...

Através dos tempos, vejo-te tu, talvez já velho e trémulo, mas com o coração repleto de alegrias inexauríveis que te fizeram correr pela face lágrimas de amor, beijar as mãos sagradas de teu querido filho!

Traspassei o teu coração e estou a contemplar a satisfação que sentes ao olhar para o teu filho sacerdote; e mais lá ao longe, vejo-te adormecer em paz ceifado pela morte, nos seus braços.

Bom, mas acorda porque a realidade foi pensada mas ainda não cumprida. Educa cristãmente teus filhos. Dá-lhes bom exemplo. Ama-os e vê neles a aromática flor da qual Deus te fez jardineiro; e tu verás realizado o sonho que hoje imprimi na tua alma.

Teófilo

PORTUGAL E A CHINA

—> (Continuado da 1.ª página)

tanto, necessariamente amistosas (pelo menos, em princípio) com o Governo de Lisboa. Mas se a lógica desertou do próprio Ocidente em quase tudo o que à política respeito, que há-de esperar-se do Oriente? E como poderia ser fácil estabelecerem-se relações baseadas na mútua confiança entre um país como Portugal e a grande China, se tantos espinhos brotam a cada momento nas próprias relações entre esta mesma China e a Rússia duplamente vizinha dos chineses — pela geografia e pela ideologia?

Foi por isso que, na sua conferência de Imprensa, o dr. Franco Nogueira não deixou, prudentemente, de advertir que uma iniciativa tal como o reconhecimento,

pelo Governo Português, do Governo de Pequim envolveria, de qualquer modo, «problemas que teriam de ser previamente considerados com toda a atenção».

O que importa, porém, acentuar agora é a simultaneidade perfeita com que se referiram à questão, um em Lisboa, o outro em Conakry, Franco Nogueira e Chu-en-Lai, nenhum dos dois repelindo, antes aceitando ambos em princípio a hipótese do estabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países.

Por outro lado, não sabemos se é verdadeiro, mas é pelo menos muito verosímil que o ministro chinês dos Negócios Estrangeiros tenha, de facto, dito a Holden Roberto preferir a China em Angola, os portugueses aos americanos...—ANI

Pedido de Comparência

Pedem-nos para avisar por este meio, Adelaide da Silva Pinheiro, filha de António Alberto Pinheiro, viuva, de Fiscal, cujo marido se desconhece, de que deve entrar em comunicação com a sua família para tratar da partilha dos bens deixados por seu pai António Alberto Pinheiro, sob pena de correr o Inventário de Ausentes.

Depois de lerdes o «TRIBUNA LIVRE» ofereci-o a um filho da nossa linda terra que o não conheça.

DESPORTOS

Os PROFESSORES Ensinados

A Guerra terminara há pouco e as equipas de futebol da Europa, desgastadas pela luta nuns países, noutros enfraquecidas pelas dificuldades do racionamento, não haviam ainda recuperado sequer o nível de antes de 1939.

Foi nessa altura, no ano de 1947, que veio da Argentina, para uma série de jogos amigáveis, um clube que estava a interpretar bem o novo figurino do futebol sul-americano, crismado de WM pelas posições que tomavam no terreno os quintetos da defesa e do ataque.

A equipa não tinha grande nome, antes da guerra; era o San Lorenzo de Almagro, de uma localidade próxima de Buenos Aires. Ficou com nome, porém, depois dessa celebre digressão pela Europa, em que as equipas mais cotadas baquearam, uma após outra, perante os jogadores ginasticados e leves que «trabalhavam» a bola como ainda por cá não se vira e que aplicavam o tal sistema táctico que desbaratava as defesas e continha os ataques dos adversários. Uns professores metódicos.

Nunca se vira jogar futebol daquela maneira. E as multidões acorriam aos estádios, não para saberem qual seria o resultado de cada jogo, mas para estudar mais uma vez o sistema técnico-tático daqueles jogadores de eleição. O figurino sul-americano estreado na Europa pelo San Lorenzo de Almagro foi adoptado, copiado, estudado em todos os promenores, e passou a constituir a base do futebol de uma década.

Mais tarde viriam outros sistemas, todos eles porém, baseados no WM: a diagonal, o 4x2x4, tantos outros. Mas sempre como evoluções do esquema que o San

Lorenzo de Almagro trouxera em 1947.

A equipa Argentina voltou a Portugal numerosas vezes e foi aqui defrontando clubes de Lisboa e do Porto. Não tinham, os seus novos elementos, a categoria do primeiro «onze» de professores que maravilhara o Velho Mundo. E não tinham já, as turmas portuguesas, o completo desconhecimento do WM, que as desorientara da primeira vez. Mas o San Lorenzo continuava a passar por Portugal — e a não perder. Nem sempre as suas actuações seriam brilhantes — mas não perdia.

Quebrou-se, agora, porém, a tradição: o Sporting, num jogo nocturno de meio da semana, venceu os Argentinos por 2-1. E essa vitória teve ainda mais activo sabor por ter sido conseguida com a equipa lisboeta a jogar apenas com dez elementos. Assentou a vitória do Sporting numa qualidade em que se mostrou claramente superior aos visitantes: o poder atlético.

Foi logo aos 15 minutos de jogo que perdeu o concurso do português de fresca data Geo. O «caso» parece ter-se iniciado há cinco anos, num jogo entre o Brasil e a Argentina, em que Geo foi agredido e lesionado pelo defesa argentino Ruiz. Ao encontrá-lo agora pela frente, Geo fez-lhe lembrar a agressão, primeiro com uma série de pequenas faltas, depois com uma agressão declarada, num momento em que a bola já não estava ao alcance — e com ela haviam seguido para outro local as atenções do árbitro. O juiz de linha, porém, ficara. E vira. E Geo recebeu ordem para abandonar o terreno, deixando o Sporting com dez elementos.

Seria natural a quebra do

poder ofensivo da equipa lisboeta, uma redução da sua capacidade combativa, já que Geo deveria constituir, com Osvaldo Silva, o «par» de «armadores de jogo». Essa sua missão, porém, foi desempenhada por Perides — e de tal modo que a fisionomia do jogo não sofreu modificação, com o caboverdiano a jogar por toda a faixa central do terreno, sem limitações e sem acusar o esforço. Para mais, o «médio» Fernando Mendes, vendo a defesa bem entregue, descaiu sobre a frente e funcionou como médio de apoio, completando-se o triângulo Osvaldo-Perides-Mendes, que substituiu o quadrilátero incompleto pela falta de Geo.

Acabou o primeiro tempo com um empate, que já era resultado de aceitar. No segundo tempo, porém, à medida que os minutos passavam, ia crescendo a expectativa: aquela jogada mais fraca seria já o sinal do enfraquecimento físico dos sportinguistas? Não — pois logo a seguir se desbobinava outra jogada sem defeitos e em boa velocidade. Seria agora? Ou agora? Passavam os minutos, o encontro ia chegando ao termo. O avançado-centro Figueiredo perdia, entretanto, um golo, por querer também deixar de lado o guarda-rede contrário, que muitos remates seus havia parado. E os lisboetas continuavam a atear, em ondas contínuas, sem acusarem fadiga, sem se notar a falta de um homem.

Num desses ataques, finalmente, concentrados quase todos os jogadores das duas equipas na grande área do San Lorenzo, houve a jogada de golo: uma série de passagens e remates, que sempre embatiam em alguém, até que a bola foi á cabeça de um jo-

Campeonato Regional da 2.ª Divisão DE BRAGA

AMARES-BRUFÉ, 1-1

ao intervalo 0-1

DISPUTOU-SE, no passado Domingo, a terceira jornada do Campeonato Distrital da Segunda Divisão.

O Amares recebeu o Brufé e o resultado final traduz bem o desenrolar da partida; com ataques alternados e sucessivos os contendores empenharam-se numa luta renhida pela Vitória Final que não surgiu a qualquer das equipas o que até certo ponto está certo.

Perderam-se golos feitos de parte a parte por nítida inoperância dos dois sectores atacantes.

No próximo Domingo o Amares recebe o Ruães F.C., esperamos que os nossos representantes actuem dentro das suas possibilidades o que não aconteceu no Domingo passado.

Assim alinhando o F. C. AMARES:

Carriço, Martins II, Martins I, Almeida, Almendra, Machado, Barrosa, Baía, Lúcio, Sarmiento e Silvinha,

Condições de Assinaturas

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Brasil	
Ano	180\$00
Semestre	90\$00
Ano	180\$00
Semestre	90\$00
Estrangeiro	
Ano	180\$00
Semestre	90\$00
Ano	180\$00
Semestre	90\$00

Cobrança DE ASSINATURAS

Vai este JORNAL proceder à cobrança das assinaturas do CONTINENTE referente ao ano de 1963.

A Administração agradece o seu bom acolhimento, afim de evitar despesas, que agora são muito elevadas.

Aos assinantes do ULTRAMAR e ESTRANGEIRO, pede-se a remessa de fundos de cobertura dos respectivos débitos.

A Administração

gador argentino e ressaltou para as malhas. Era o golo da vitória — a primeira registada em Portugal sobre o San Lorenzo de Almagro.

Entre a equipa que a conseguiu e a que no Domingo, quatro dias antes, voltara de Évora com um empate difícilmente obtido contra o Lusitano a diferença é tão forte como entre o dia e a noite. Tudo o que faz uma grande equipa de futebol se apresentou desta vez em Lisboa — e faltara em Évora.

Se o jogo do Campeonato dera aos adeptos do Sporting (a até aos simpatizantes de outros clubes) um aperto de coração, já que está próximo o embate com o Manchester United na Taça dos Vencedores das Taças, o jogo de Lisboa, esse jogo de dez contra onze, restabeleceu a confiança numa turma que, por isto ou por aquilo, há anos tenta baldadamente reasumir o seu lugar cimeiro.